José Luiz Izidoro*

Introdução às Cartas de Paulo aos Gálatas

Introduction to Paul's letter to the Galatians

Resumo

As cartas de Paulo, no contexto da Ásia Menor, são consequências das multifaces da realidade social, cultural e religiosa. Essa realidade começa com o mundo judeo, helenístico e no contexto do mundo romano. Na perspectiva contemporânea, os estudos de Gálatas respondem a vários horizontes e anseios. Portanto, não será possível estabelecer como objetivo de Paulo em Gálatas a proeminência da promessa da fé em detrimento da lei. Em Gálatas a fé é orientada a Cristo Jesus pelos judeus e não judeus. Portanto, as igrejas dos Gálatas são comunidades de fronteiras e o Cristianismo em Gálatas é capaz de uma visão multiforme de diferentes grupos étnicos, sociais, culturais e de diferentes identidades.

Palavras-chave: Gálatas, Cristianismo, Identidade, Cultura, Religião.

Abstract

The letters of Paul, within the framework of Asia Minor, are consequences of the multifaceted religious, social and cultural reality. This reality begins within the Jewish, Hellenic, and Roman world. In contemporary perspective, studies of Galatians respond to various horizons and aspirations. Therefore, it would not be possible to establish as Paul's goal in Galatians the prominence of the promise of faith to the detriment of the law. In Galatians faith is directed towards adherence to Christ Jesus, by both Jews judaizers??? and non-Jews. Therefore, the churches of the Galatians are communities of frontiers, and Christianity in Galatians is capable of a multiform view of different ethnic, social, cultural groups, and of the different identities.

Key-words: Galatians, Christianity, Identity, Culture, Religion.

Introdução

A formação e construção dos textos sagrados resultam de um processo histórico-literário no qual as culturas, etnias, religiões e socieda-

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Professor no Instituto São Tomás de Aquino (ISTA – Belo Horizonte). Email: jeso_nuap@hotmail.com

des estão presentes mediante representações simbólicas, linguagens, discursos e muitas outras convenções. As identidades socioculturais e religiosas, as fronteiras étnicas e os diálogos culturais e religiosos compõem uma das pautas do debate atual sobre as religiões, as religiosidades, as culturas e as identidades numa perspectiva contemporânea, como também no âmbito das antiguidades.

De acordo com Judith Lieu (2002, p. 297) a discussão moderna de identidade como processo de construção é vigente e aplica-se também ao mundo greco-romano, onde parentes, história, linguagem, costumes e deuses, supostamente, separam o “nós” dos bárbaros, mas, também provocam a interação onde judeus e cristãos estarão engajados nas mesmas estratégias. Isso pode oferecer caminhos a respeito de questões como unidade e diversidade, judaísmo versus judaísmos e de como o cristianismo emerge como separado do judaísmo.

Compreendemos que os diferentes grupos cristãos nos primórdios do cristianismo se formaram e configuraram a partir dos diversos contextos judaico-helenísticos e inseridos no mundo greco-romano; atuavam com reciprocidade, reinterpretavam os elementos religiosos e socioculturais e as diversas formas de pensamentos ali encontrados. Tal realidade aponta para diferentes compreensões dos mesmos acontecimentos e, com isso, possibilita atribuir-se ao cristianismo um significado flexível e plural, que supera a compreensão monolítica.

Na concepção de H. G. M. Williamson (1989, p. 141-161), a Bíblia registra uma longa e acalorada discussão sobre como as fronteiras da comunidade Israelense foram construídas e mantidas. Para Mark G. Brett (2002, p. 12), a Bíblia nos apresenta uma série de identidades que interagem socialmente e que dependem do lugar onde as pessoas se encontram – assim como os povos cananitas, egípcios, babilônicos, persas, africanos, judeus, gregos e romanos. Esses povos são mencionados por Josep Rius-Camps (1989, p. 72-73) na lista dos povos apresentada no Pentecostes (At 2,5-11), que corresponde a um ambiente que entrelaça nações, povos e culturas.

Portanto, a Bíblia teve e continua tendo influência em muitas culturas e no reconhecimento especializado de suas antigas bibliotecas, o que leva a uma implicação política e moral que outorga à pesquisa bíblica a relevância e pertinência dos estudos socioculturais, das teorias orientadas à análise e aproximação dos fenômenos socioantropológicos além de seu campo hermenêutico.

As cartas paulinas, no âmbito da Ásia Menor, são reflexos das multifaces da realidade religiosa e sociocultural. Elas partem de uma

perspectiva plural e diferenciada no que se refere ao pensamento cristão paulino, no âmbito judaico-helenístico do mundo romano e, no caso de Gálatas, aponta elementos teológicos, antropológicos e éticos de relevância para a criação de um novo *ethos* para os grupos cristãos.

A Carta aos Gálatas, na opinião de Justin K. Hardin (2008, p. 1) apresenta um esboço do início do movimento cristão. Novas perspectivas para a pesquisa vêm do reconhecimento do solo fértil das pesquisas já realizadas,, porém, somadas a novas e estimulantes vertentes literárias, como as de Daniel Boyarin (1994), Louis H. F. Feldman (1992), E. P. Sanders (1977; 2009), James D. G. Dunn (2003; 2009), John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed (2007), Jerome Murphy-O'Connor (2000), J. Paul Sampley (2008), Justin K. Hardin (2008) e Mark G. Brett (2002), entre outros.

A Galácia e a Carta de Paulo aos Gálatas

A Galácia seria o território situado ao norte da região da Anatólia Peninsular, que poderia ser a própria região ou território de Ancira/Ancara ou toda a província galática, segundo a linguagem comum da Galácia como província. Contudo, a província galática, norte e sul, seria parte de uma área mais ampla da Ásia Menor, ou da denominada Anatólia peninsular. A Anatólia peninsular era uma região do extremo oeste da Ásia, também denominada Ásia Menor.

É possível que a Galácia paulina (Gl 1,2) correspondesse à região ou território da Galácia, isto é, ao território norte da província, e não fosse referência a toda a província, como Paulo o faz em 1Coríntios: “à Igreja de Deus que está em Corinto” (1Co 1,2). Ambas as teorias, território ou província, quanto aos destinatários da Carta aos Gálatas, têm sido discutidas exaustivamente. No debate atual, prevalece a tendência a favor da hipótese do território ou região, isto é, o norte.

Gálatas provoca um considerável debate no que concerne a seus destinatários. Refere-se a uma região geográfica ocupada por povos e etnias de origens diversas, em contínua mobilização e interação na dinâmica do império romano, onde se inserem os grupos cristãos. Apresenta-se a perspectiva de uma nova identidade para gentios e judeus, no cristianismo paulino da Galácia, de onde emergem alternativas de relevância para as identidades, o que incidirá enormemente no processo da compreensão histórico-teológica do cristianismo.

Segundo Vielhauer (1991, p. 122) “Paulo envia este escrito como carta circular às comunidades de Galácia (2,1), sem mencionar nenhuma

cidade por seu nome”. Poderia tratar-se de comunidades relativamente próximas umas das outras, com experiências comuns. Isso explicaria a comunicação coletiva. Atos dos Apóstolos nos dá a conhecer também diversas passagens de Paulo pela Galácia. Por ocasião de sua primeira viagem missionária, o apóstolo evangeliza as regiões situadas ao sul da província: Panfília, Icônio, Pisídia, Licaônia, Perge, Atália, Frígia (At 13,14-14,25). A seguir, passa duas vezes pelo norte da Galácia (At 16,6; 18,23), durante a segunda e terceira viagens missionárias. Essa região compreendida entre a Capadócia e o Mar Negro estendia-se em volta de Ancira (a atual Ancara).

Para Philipp Vielhauer (1991, p. 121-122), Gálatas constitui o documento mais revelador para a biografia de Paulo, para a história do cristianismo primitivo, as tensões intraeclesiais – não simplesmente locais – daquele tempo e a teologia do apóstolo, seu conteúdo e desenvolvimento. De acordo com Richard N. Longenecker (1990, p. xliii.), historicamente Gálatas tem sido fundamental para as várias formas de doutrinas, proclamações e práticas cristãs. Por certas peculiaridades que caracterizavam as comunidades cristãs e seu entorno, segundo Claudio Moreschini e Enrico Norelli (2006, p. 17), “Gálatas veio a ser também um testemunho interessante de uma missão cristã fluida”.

Na pesquisa contemporânea, os estudos de Gálatas respondem a várias perspectivas e anseios, desde interesses de cunho cristão e teológico-pastoral até interesses eminentemente acadêmicos e antropológicos. Conforme Bruce W. Longenecker (1998, p. 2), em nossa sociedade pluralista contemporânea as identidades sociais e pessoais são alimentadas em relação a uma ampla tela de diversos contextos culturais e contingenciais. Em nossos dias, a solidariedade humana está misturada com fortes realidades de diferenças culturais e incompatibilidades. Em função disso, muitos, frequentemente, têm procurado na visão eclesiológica paulina um recurso para uma iniciativa multicultural. Desse modo, continua Longenecker (1998, p. 2), Gálatas pode ser lida, com diferentes finalidades, por historiadores acadêmicos (relação entre cristianismo e judaísmo), por cristãos comprometidos (a fé cristã e a relação natural com Deus) e por modernos analistas da cultura (dinâmica da pluralidade social contemporânea e identidades).

Para J. Louis Martyn (1997, p. 13), ao abrir a Carta de Paulo aos Gálatas vemos três importantes elementos: a) a presença de um drama entre Paulo e os gálatas – ambos guardam afeição e cólera; b) Paulo e os gálatas têm uma rica história com outros povos, desenvolvimento

que antecede o escrito e a recepção da carta; c) ocorrem fatos em que estão envolvidos certo número de pessoas além de Paulo e os gálatas. Sendo assim, seria pouco plausível e coerente estabelecer como objetivo paulino em Gálatas unicamente a proeminência da fé em detrimento da Lei. Concordamos com Martyn (1997, p. 23) ao afirmar que:

...a carta de Paulo não está toda formulada com argumentos designados a persuadir os gálatas de que a fé é melhor que a observância da Lei. Paulo vai construindo um enunciado destinado a despertar os Gálatas para um cosmo real, em que de fato a fé chegou agora com o advento de Cristo (Gl 3,23-25).

E essa fé direciona-se para a adesão a Cristo Jesus, por parte de judeus e não judeus, cujos propósitos poderão, certamente, ser alcançados também no campo étnico, religioso e sociocultural.

É indiscutível que Gálatas constitui uma epístola real e genuína (KUMMEL, 1982, p. 395), escrita entre os anos 50 e 55 d.C. em Éfeso, Macedônia ou Corinto (BETZ, 1979, p. 12) ou, com mais precisão, em Éfeso (VIELHAUER, 1991, p. 128). Jerome Murphy-O'Connor (2000, p. 191) também confirma essa datação para Gálatas e sugere a primavera de 53 d.C.

Há um consenso em atribuir Gálatas a Paulo de Tarso. Timothy George (1994, p. 22) afirma que Gálatas foi realmente escrita por Paulo, o apóstolo, como este se apresenta logo no início da carta (Gl 1,1). Para Hans Dieter Betz (1979, p. 1) a autoria de Paulo gozava de inquestionável aceitação na antiguidade. Comparando-a com outras cartas paulinas, nota-se que o estilo dos escritos e a linguagem de Paulo são inconfundíveis. Em método e conteúdo, o argumento teológico em Gálatas é caracteristicamente paulino. Por tais razões, as escolas do Novo Testamento (NT) não questionam a autoria de Paulo quanto a Gálatas.

Segundo Betz (1979, p. 2-3), o fato de Paulo escrever uma apologia bem composta, retórica e teologicamente sofisticada, força-nos a assumir que ele fundou as igrejas da Galácia não entre pobres e não educados, mas, sim entre a população urbana romanizada e helenizada. Porém, não assumimos a opinião de Betz quanto a uma constituição rígida e seletiva dos entornos sociais das igrejas da Galácia. A população urbana no contexto greco-romano era também constituída de estratos sociais de baixa renda e até mesmo de precárias condições socioeconômicas. No âmbito urbano, como em toda a Ásia Menor, as sociedades eram constituídas por escravos, livres, trabalhadores manuais, comerciantes, ricos, pobres e fortemente marcadas por experiências aldeãs. Paulo se identifica com a cidade, e isso é demonstrado em sua própria

formação, trajetória e deslocamentos geográficos, por Tarso, Damasco, Antioquia, Jerusalém, não obstante a interlocução e interação com o mundo rural e adjacências. Assim, ao associar a mensagem paulina com o entorno da comunidade cristã, continua Betz (1979, p. 3), a mensagem paulina de “liberdade em Cristo” é direcionada a pessoas interessadas em emancipação religiosa, cultural, social e política. A experiência cristã que a carta de Paulo menciona reflete essa realidade. Paulo aponta importantes mudanças ocorridas na história dos gálatas.

Composição literária da Carta aos Gálatas

Segundo Betz (1979, p. 14), Gálatas pode ser analisada segundo a retórica greco-romana e a epistolografia. Essa possibilidade põe em relevo o relacionamento de Paulo com as disciplinas retóricas, literárias e culturais, uma questão que não tem sido ainda adequadamente discutida, mas, que ganha relevância nos atuais estudos paulinos. J. Paul Sampley (2008, p. XIII) considera que os usos e costumes sociais, econômicos, políticos, as convenções e os valores sociais são um dado comum dos estudos paulinos. Além disso, os modelos greco-romanos de retórica têm se sobressaído como área importante nessa pesquisa.

A seguir, Betz (1979, p. 14-15) diz que Gálatas é um exemplo do gênero carta apologética. A evidência que sustenta tal hipótese é derivada da análise da composição da carta. O gênero carta apologética surge no quarto século a.C. e pressupõe não apenas o gênero carta, mas, também os gêneros autobiografia e fala apologética, assim como antigas formas de expressões literárias. Na literatura grega esse gênero é representado por exemplos famosos, como a pseudo-autobiografia de Sócrates por Platão e a autobiografia de Demóstenes, *De Corona*. Esses exemplos inspiravam as cartas, que os imitavam.

A análise formal de Gálatas, segundo Betz (1979, p. 23-24), permite chegar a algumas conclusões quanto a suas funções. Gálatas traz uma mensagem que é parte de um constante debate e estabelece uma comunicação, primeiramente entre o remetente e os destinatários e, logo a seguir, com os oponentes, de modo que todos os leitores da carta sejam participantes do debate. Tal situação faz de Gálatas uma apologia apresentada de forma escrita e, pelo uso da retórica, esta é concebida como arte de persuasão.

Ronald Y. K. Fung (1988, p. 28) aproxima-se de Betz (1979), na discussão quanto ao gênero literário de Gálatas, ao afirmar que os

recentes estudos mostram que Gálatas pertence ao gênero carta apologética e está conforme os princípios e normas da retórica contemporânea. De acordo com Richard N. L. Longenecker (1990, p. CIV-CV), a classificação de Gálatas como uma carta apologética é reconhecida pela relação entre o estilo de seu conteúdo com a estrutura epistolar. Realmente a autobiografia, a apologia e a defesa são fatores importantes para a análise retórica de Gálatas e com frequente valor para uma grande e prolongada discussão. Contudo, considera-se que não se pode aplicar de forma rígida e com uma estrutura fixa tal categoria literária a todo o corpo epistolar de Gálatas (FUNG, 1988, p. 32).

Não existe um consenso entre os estudiosos a respeito de um gênero literário único para Gálatas, mas, não se apresentam grandes disparidades entre os autores. Quanto aos relatos paulinos, considera-se o “uso das tradições literárias, como as formas retóricas, os modelos de persuasão, as estruturas quiásquicas, os procedimentos exegéticos midráxicos, os hinos cristãos antigos, as fórmulas confessionais e o material parenético” (RICHARD N. LONGENECKER, 1990, p. CIII) que constituem, de certa forma, a retórica greco-romana, a epistolografia e as formas apologéticas presentes na Carta aos Gálatas.

A autocompreensão cristã paulina em Gálatas

A autocompreensão cristã paulina possibilita uma aproximação entre os diferentes grupos religiosos e socioculturais, presentes em Gálatas, que emergem nos espaços de mobilidade humana e social, assim como na diáspora e nas sinagogas, como experiências cristãs diversificadas. Com isso, há uma crítica aos códigos vigentes da sociedade greco-romana e certamente com a mentalidade judaica ligada às antigas tradições do judaísmo, particularmente onde predominava o critério da “imutabilidade pela identidade geográfico-étnica”. O pensamento cristão paulino sugere uma compreensão fluida, dinâmica e mutável para as identidades, onde os componentes geográficos, étnicos, religiosos e sociopolíticos emergem com mais nitidez e elasticidade revelando fronteiras permeáveis e acessíveis.

Paulo compreende essa perspectiva judaica no horizonte da autocompreensão cristã, articula-a no contexto litúrgico do batismo e do vestir-se, como forma linguística e religiosa de apresentar a adesão do iniciado a Cristo Jesus, e a amplia na fórmula litúrgica “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois

todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). O pensamento paulino articula a liberdade da Lei na base da fé e, assim, os gentios poderão participar do pacto que antes havia sido desfrutado com exclusividade pelo povo de Israel. Pela fé e pela adesão a Cristo Jesus, judeu e gentio serão partícipes da herança segundo a promessa (Gl 3,29c). Desse modo, configuram-se novas identidades para o cristianismo paulino na Galácia.

O pensamento cristão paulino está em continuidade com as tradições judaico- helenísticas e imerso no contexto do mundo greco-romano, numa perspectiva de variações e mudanças no âmbito das compreensões. Essa perspectiva sinaliza rupturas, antagonismos, continuidades e descontinuidades, mudanças e inovações na história e, certamente, no pensamento paulino e que estará presente no processo de formação das identidades em Gálatas. A tais fatores subjaz também uma crítica às tradições judaicas, sobretudo no que concerne ao caráter legalista da Lei e da religião. A seguir, dá-se a assimilação de uma compreensão inovadora do conceito de “filiação divina” e da “descendência abraâmica”, que incidirá como orientação ética e teológica na vida cristã e no cristianismo paulino da Galácia, dilatando, assim, sua fronteira religiosa e socioantropológica, incluindo os diferentes grupos étnicos, religiosos e socioculturais.

Paulo, como judeu, compreendia o judaísmo em suas múltiplas e variadas faces e, na interlocução com o mundo gentílico e greco-romano, adotou tal compreensão na construção de seu pensamento e na missão às Igrejas da Galácia, o que conferirá às identidades o caráter de fluidez e de permeabilidade.

. Nessa compreensão, o *status* de filiação divina torna-se um componente teológico que emerge como alternativa antropológica de aproximação e de unidade entre os diferentes grupos étnicos e socioculturais da Galácia. Como grande contribuição do cristianismo paulino da Galácia está a nova compreensão judaico-helenística de Paulo e sua pertinência no âmbito do judaísmo e do pensamento greco-romano. Judeu e gentio, que poderiam ser gregos, de formação grega, e povos adventícios, mulher, homem, escravos e livres se compreendem no novo *status* de filiação divina pela fé em Cristo Jesus (Gl 3,26b), configurando-se como identidades fluidas no cristianismo da Galácia.

Assim, as igrejas da Galácia tornam-se comunidades de fronteiras. O cristianismo paulino em Gálatas possibilita um olhar multiforme dos diferentes grupos étnicos e socioculturais e das respectivas identidades, que serão compreendidas, interpretadas e assimiladas nas variadas

perspectivas antropológica, histórico-teológica e bíblica. Essas compreensões são introduzidas na pauta das discussões contemporâneas sobre os diferentes temas das religiões, das religiosidades, das etnias, das culturas e das identidades.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 2206p.
- BETZ, Hans Dieter. **Galatians: a commentary on Paul's letter to the churches in Galatia**. Philadelphia: Fortress, 1979. 357p.
- BOYARIN, Daniel. **A radical Jew: Paul and the politics of identity**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California, 1994. 368p.
- BRETT, Mark G. (Ed.). **Ethnicity and the Bible**. Boston/Leiden: Brill, 2002. 510p.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao império romano**. São Paulo: Paulinas, 2007. 432p.
- DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. 910p. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).
- DUNN, James D. G. **Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo**. Trad. José Roberto C. Cardoso. Santo André: Academia Cristã, 2009. 696p.
- FELDMAN, Louis H. **Jew & Gentile in the ancient world: attitudes and interactions from Alexander to Justinian**. New Jersey: Princeton University, 1992. 680p.
- FUNG, Ronald Y. K. **The epistle to the Galatians**. Grand Rapids: Eerdmans, 1988. 342p.
- GEORGE, Timothy. **Galatians. The New American Commentary**. Nashville: Broadman & Holman, 1994. v. 30. 464p.
- HARDIN, Justin K. **Galatians and the imperial cult: a critical analysis of the first-century social context of Paul's letter**. (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament – 2. Reihe). Tübingen: Mohr Siebeck, 2008. 200p.
- KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982. 798p.
- LIEU, Judith. Impregnable ramparts and walls of iron: boundary and identity in early Judaism and Christianity. **New Testament Studies**, n. 48, p. 297-313, 2002.

- LONGENECKER, Bruce W. **The triumph of Abraham's God: the transformation of identity in Galatians**. Nashville: Abingdon, 1998. 238p.
- LONGENECKER, Richard N. **Galatians**. Dallas: Word, 1990. 323p. (Word Biblical Commentary, 41)
- MARTYN, J. Louis. **Galatians: a new translation with introduction and commentary**. New York/London/Toronto/Sydney/Auckland: The Anchor Bible, Doubleday, 1997. 615p.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **Historia de la literatura cristiana antigua griega y latina I: de Pablo hasta la edad constantiniana**. Trad. Guillermo Martín Rodríguez. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2006. 504p.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo: biografia crítica**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2000. 408p.
- RIUS-CAMPS, Joseph. **De Jerusalén a Antioquia: génesis de la Iglesia Cristiana: comentario lingüística exegético a Hch.1-12**. Córdoba: El Almendro, 1989. 390p.
- SANDERS, E. P. **Paulo, a lei e o povo judeu**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2009. 280p.
- SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion**. London/Philadelphia: Fortress/Minneapolis, 1977. 628p.
- SAMPLEY, J. Paul (Org.). **Paulo no mundo greco-romano: um compêndio**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2008. 606p.
- VIELHAUER, Philipp. **Historia de la literatura cristiana primitiva**. Salamanca: Sígueme, 1991. 865p.
- WILLIAMSON, H. G. M. The concept of Israel in transition. In: CLEMENTS, R. E. (Ed.). **The world of ancient Israel**. Cambridge: Cambridge University, 1989. p. 141-161.